



O surgimento das práticas de assistência à saúde mental da criança inspiradas na psicanálise no início do século XX através da obra de Durval Bellegarde Marcondes

The emergence of the practice of mental health care of children inspired by psychoanalysis in the early twentieth century through the work of Durval Bellegarde Marcondes

Jorge Luís Ferreira Abrão
Universidade Estadual Paulista
Brasil

Resumo

A psicanálise foi introduzida no Brasil a partir de 1920 contribuindo para o surgimento de novas práticas de atenção à saúde da criança. Assim, o presente artigo tem por objetivo discutir a articulação entre a psicanálise e as práticas voltadas à saúde mental da criança surgidas a partir de 1930 por intermédio da obra de Durval Marcondes, pioneiro na difusão e utilização na psicanálise no Brasil. Foi realizada uma pesquisa histórica a partir de levantamento da obra de Durval Marcondes e da equipe por ele liderada circunscrita no tema em epigrafe. A partir deste material identificou-se que a partir da articulação entre higiene mental, escola nova e psicanálise, desenvolveu-se um serviço pioneiro de atendimento à crianças com problemas escolares sustentado na avaliação diagnóstica e na orientação de pais e professores. Conclui-se que este trabalho introduziu a diferenciação entre criança com déficit cognitivo e problemas emocionais e lançou as bases das intervenções psicodiagnóstica e psicopedagógica.

Palavras-chave: psicanálise; criança; saúde mental

Abstract

Psychoanalysis was introduced in Brazil since 1920 contributing to the appearance of new practices of health care for the child. Therefore, the present article aims to discuss the link between psychoanalysis and practices focused on children's mental health that emerged from the 1930s through the work of Durval Marcondes, a pioneer in the dissemination and use of psychoanalysis in Brazil. A historical research was held from a survey on Durval Marcondes's work and the team led by him confined in the epigraph theme. It was found from that work that the link between mental hygiene, new school and psychoanalysis developed a pioneering service of care to children with school problems based on the diagnostic evaluation and guidance of parents and teachers. It is concluded that this work introduced the differentiation between children with cognitive and emotional problems and provided the foundations of psychoeducational and psychodiagnostic interventions.

Keywords: psychoanalysis; child; mental health

Durante as primeiras décadas do século XX, particularmente entre os anos de 1930 a 1950, período caracterizado pela introdução e difusão da psicanálise no Brasil, evidencia-se no país o surgimento da preocupação e do interesse voltado à saúde mental da criança,



circunscrevendo um conjunto de práticas na esfera da educação e da psiquiatria denominadas, na ocasião, de higiene mental¹. Práticas estas fortemente alicerçadas em pressupostos teóricos e filosóficos que ganharam destaque no pensamento cultural e científico do país neste período histórico, entre os quais destacam-se com maior contundência: o movimento higienista que influenciou a nascente psiquiatria brasileira (Costa, 1976), a transição do modelo educacional vigente que transitava do ensino tradicional para o Escola Nova (Cunha, 1998) e a própria psicanálise que esteve associada às transformações culturais e sociais que tiveram lugar nas primeiras décadas do século XX no Brasil (Lobo, 1994).

Como reflexo da conjuntura descrita acima evidenciou-se, particularmente a partir da década de 1930, o surgimento, sobretudo na esfera educacional, de instituições dedicadas ao cuidado e promoção da saúde mental da criança. Estas instituições, surgidas na esfera educacional, integravam ações da psiquiatria e da educação, uma vez que tinham por finalidade atender escolares deficitários e promover estratégias de prevenção em saúde mental da criança.

Dando exequibilidade as iniciativas descritas acima, foram criadas no país Clínicas de Orientação Infantil, vinculadas a serviços educacionais, destinadas ao atendimento de alunos. Em consonância com esta política educacional, duas instituições congêneres ganharam destaque na década de 1930: a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental vinculada ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal, sob a coordenação de Arthur Ramos² (Abrão, 2008) e em São Paulo a Seção de Higiene Mental Escolar, parte integrante do Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, cuja criação e execução foi delegada a Durval Marcondes.

Assim, o presente artigo surge com a finalidade de discutir a articulação entre a psicanálise e as práticas voltadas à saúde mental da criança surgidas a partir de 1930 por intermédio da obra de Durval Marcondes. Tal iniciativa justifica-se e sustenta sua relevância, quando consideramos a abrangência das ações deste psicanalista como articulador do movimento psicanalítico em São Paulo e no Brasil, atuando em diferentes esferas, como a educação escolar, a universidade, a literatura e a psiquiatria (Sagawa, 2002).

Sustentado neste objetivo foi desenvolvido um estudo qualitativo de natureza histórica, que privilegiou como principal fonte histórica os registros escritos representados pela obra de Durval Marcondes, e outras fontes relevantes como leis e trabalhos publicados

¹ A expressão higiene mental corresponde, na atualidade, ao que denominamos por saúde mental. A mudança de nomenclatura foi sugerida pela Organização Mundial da Saúde em 1949, indicando a transição das práticas higienistas em direção a criação de políticas públicas de promoção de saúde.

² De origem alagoana, Arthur Ramos de Araújo Pereira (1903-1949) formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1934, transferiu-se para o Rio de Janeiro, atuando inicialmente como diretor da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Na condição de precursor da psicanálise de crianças no Brasil, publicou vários trabalhos, entre eles, os mais destacados são *Educação e psychanalyse* (1934) e *A criança problema* (1939).



por membros de sua equipe. Como salienta Regina Helena Campos (1998), “a arte do historiador manifesta-se principalmente neste processo de identificação das fontes para a reconstrução e a interpretação históricas, essência da historiografia” (p. 15). Ao rastrear a obra de Durval Marcondes junto a Biblioteca da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e nos registros bibliográficos apontados por Sagawa (2002), encontra-se a ocorrência de aproximadamente quarenta trabalhos distribuídos, predominantemente, entre artigos e capítulos de livros. Dentre os quais destacam-se: um conjunto de artigos publicados em 1941 na *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, quais sejam: “A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil”, “Avaliação dos resultados obtidos na clínica de orientação infantil de São Paulo” e “Contribuição para o estudo do problema dos repetentes na escola primária (condições físicas, psíquicas e sociais)” e a organização do livro *Noções gerais de higiene mental da criança*, no qual encontram-se publicados dois capítulos de autoria de Durval Marcondes: “Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização” e “A criança e a guerra”. Para fins deste estudo, o livro *Noções gerais de higiene mental da criança* será analisado de forma integral, uma vez que, embora contenha contribuição de outros autores, representa, a nosso juízo, o pensamento de Durval Marcondes, enquanto coordenador da Clínica de Orientação Infantil e organizador da coletânea.

Dando sequência a proposta ora enunciada, será apresentado inicialmente um esboço biográfico sobre a vida e a obra de Durval Marcondes, a fim de contextualizar o leitor com a abrangência das ações deste psicanalista, posteriormente serão enunciados, ainda que brevemente, os pressupostos teóricos que sustentaram as práticas desenvolvidas no âmbito da Clínicas de Orientação Infantil, para finalmente discutirmos as características e a abrangência das ações realizadas nesta instituição e suas articulações com a psicanálise nascente no país.

Durval Bellegarde Marcondes: uma vida dedicada à psicanálise

Durval Marcondes nasceu em São Paulo em 27 de novembro de 1899, trazendo nas iniciativas que empreendeu a vanguarda do século XX, ao aderir de forma apaixonada tanto ao modernismo quanto à psicanálise.

A atmosfera de grandes transformações culturais que marcaram São Paulo no início do século XX encontrou na psicanálise e no modernismo dois grandes ícones, que exerceram direta influência sobre Durval Marcondes. Tanto a psicanálise quanto o modernismo representavam, neste momento, um movimento de ruptura, seja em relação à psiquiatria clássica, no caso da primeira, ou com a arte oficial no caso da segunda. Durval Marcondes esteve engajado com afinco em ambas: participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise em 1927 e manteve estreita relação com o modernismo, o que pode ser



evidenciado ao publicar na revista *Klaxon* em 1922 o poema “Symphonia em branco e preto”. A tentativa de Durval Marcondes de aproximar o modernismo e a psicanálise em formulações teóricas ganhou expressão em 1926 no texto “O simbolismo estético na literatura. Ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela psycho-analyse”, que foi apresentado em um concurso para a Cadeira de literatura na Escola Normal de São Paulo.

O primeiro contato com a psicanálise surgiu precocemente no início do curso de medicina, ocasião em que Durval Marcondes, com aproximadamente vinte anos, entrou em contato com a aula inaugural de Franco da Rocha³ na cátedra de psiquiatria da Faculdade de Medicina de São Paulo, intitulada “Do delírio em geral”, publicada no *Jornal O Estado de São Paulo*, em 20 de março de 1919 (Sagawa, 2002). Embora Durval Marcondes não tenha sido aluno de Franco da Rocha, o interesse pelas ideias inovadoras introduzidas pelo mestre de forma inédita em São Paulo, criou um elo de afinidade e interesse entre ambos, de forma que o jovem médico herdou o gosto e a dedicação à psicanálise de seu antecessor.

Fiel a concepção transmitida por Franco da Rocha, Durval Marcondes dedicou-se ao estudo da psicanálise desde os anos da graduação, constituindo-se logo após sua formatura em um dos primeiros brasileiros a exercer a psicanálise no país⁴.

Em 1924 formou-se na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. No ano seguinte abriu um consultório particular, onde passou a praticar a análise de pacientes neuróticos, de forma autodidática. Contou com o apoio científico de Francisco Franco da Rocha que, nesta época, já estava aposentado de seu consultório e de sua cátedra na Faculdade de Medicina (Campos, 2001, pp. 121-122).

Em suas iniciativas na promoção e difusão da psicanálise no Brasil, Durval Marcondes teve o mérito de promover a expansão desta disciplina em duas direções complementares: ao mesmo tempo em que se apropriou da psicanálise como um recurso terapêutico afeito ao tratamento das neuroses e desenvolveu ações para promover a formação de psicanalistas no Brasil, promoveu a difusão das ideias freudianas enquanto um sistema teórico passível ser aplicado e empregado por diferentes áreas do conhecimento científico como a educação, a literatura, o direito, entre outras. É justamente a sobreposição destas duas perspectivas de difusão da psicanálise que fez de Durval Marcondes um interlocutor privilegiado na transmissão da psicanálise em seu tempo, de tal forma que sua identidade profissional está diretamente relacionada com os desígnios do movimento psicanalítico em São Paulo.

³ Francisco Franco da Rocha (1864-1933) formou-se em 1890 pela Faculdade Nacional de Medicina no Rio de Janeiro. De regresso a São Paulo, seu Estado natal, fundou, em 1898, o Hospital do Juquery, instituição modelo no tratamento de pacientes psicóticos, em toda a América Latina, durante as primeiras décadas do século XX (Campos, 2001).

⁴ A precedência no exercício da psicanálise no Brasil cabe ao médico Júlio Pires Porto-Carreiro (1887-1937).



Seu primeiro trabalho psicanalítico intitulado “O simbolismo estético na literatura: ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela Psicanálise” data de 1926, constituindo-se em uma aplicação da psicanálise na interpretação literária. Este trabalho rendeu a Durval Marcondes a atenção do mestre de Viena, expressa por intermédio de uma carta, datada de 18 de novembro de 1926, na qual “(...) Freud dizia que graças a seu conhecimento de espanhol pode entender o seu trabalho e lhe assegurava um sucesso compensador na sua dedicação ao assunto” (Galvão, 1967, p. 49).

Dentre as iniciativas que empreendeu com a finalidade de promover a difusão da psicanálise no Brasil, destaca-se a criação, em 1927, da Sociedade Brasileira de Psicanálise, agremiação destinada a promover a divulgação da teoria psicanalítica em diferentes meios culturais e científicos, de tal forma que sua fundação contou com profissionais de diferentes segmentos⁵, tendo Franco da Rocha como presidente e Durval Marcondes como secretário. Uma peculiaridade merece ser destacada, esta instituição não tinha por finalidade promover a formação de psicanalistas no Brasil, ao contrário seu objetivo residia, tão somente, na proposta de divulgar a teoria psicanalítica, para que esta fosse mais conhecida e melhor aceita em diferentes círculos culturais e científicos. Segundo Luiz de Almeida Prado Galvão esta Sociedade “nasceu com uma missão na fase inicial do movimento psicanalítico brasileiro, que era a de chamar a atenção para a Psicanálise em nosso meio, estimular seu estudo e tomar contato com o ambiente psicanalítico mundial (Galvão, 1967, p. 51).

Seguindo a mesma linha de raciocínio surge, em 1928, também por iniciativa de Durval Marcondes, a Revista Brasileira de Psicanálise que tinha por objetivo promover a divulgação de trabalhos de inspiração psicanalítica produzidos no Brasil. Este volume contou com os seguintes artigos: “A psychologia de Freud e os mythos e lendas na loucura”, de Franco da Rocha, “Os nossos medos secretos”, de J. Ralph, “O caracter do escolar segundo a psychanalyse”, de Porto-Carrero, “Um “sonho de exame”: Considerações sobre a “Casa de Pensão” de Aluizio de Azevedo”, de Durval Marcondes e “Brutos: considerações psychanalyticas em torno de um facto histórico”, de Paulo José de Toledo. Este periódico teve uma existência efêmera, extinguindo-se após a publicação de seu primeiro número⁶.

Tanto a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise quanto a edição da Revista Brasileira de Psicanálise representaram iniciativas capitaneadas por Durval Marcondes, que tiveram uma existência bastante breve. Este fato indica o esgotamento da função para a qual essas iniciativas foram empreendidas, a saber: a promoção e divulgação da teoria psicanalítica nos círculos culturais e científicos do país. Isto porque não havia neste

⁵ Segundo Rocha (1989) figuram como fundadores da Sociedade Brasileira de Psicanálise em 1927 os seguintes nomes: Franco da Rocha, Raul Briquet, Flaminio Favero, Sampaio Dória, Marcondes Vieira, Janes Ferraz Alvim, José Lopes Ferraz, Menotti Del Picchia, Nestor Solano Pereira, César Martinez, Thomé Alvarenga, Fausto Guerner, Getúlio de Paula Santos, Samuel Ribeiro, Maurício Pereira Lima, Pedro de Alcântara, Cândido Motta Filho, Roldão Lopes de Barros, Waldimir Kehl, Osório César, Antônio Pain Vieira, Almeida Júnior, Lourenço Filho e Durval Marcondes

⁶ A Revista Brasileira de Psicanálise voltou a ser editada em 1967.



momento, ao menos explicitamente, a intenção de promover a formação de psicanalistas no Brasil. Para Gilberto Rocha (1989):

Apesar desta revista ter cessado logo após seu primeiro número, e apesar desta sociedade ter durado pouco mais de um ano, creio que não temos motivos para desmerecê-las como um marco importante dessa fase da psicanálise, pois tinham por objetivo preencher um hiato existente na compreensão do conhecimento psicanalítico (pp. 52-53).

Uma inversão desta perspectiva nas ações de Durval Marcondes começa a ser evidenciada a partir do início da década de 1930, ocasião em que começaram a ser empreendidas ações efetivas com a finalidade de promover a formação de psicanalistas em São Paulo. Nesta ocasião Durval Marcondes manteve contato com Ernest Jones (1879-1958), então presidente da IPA (*International Psychoanalytical Association*), com a finalidade de trazer para São Paulo um analista didata, que reunisse condições de promover a formação de novos psicanalistas em solo brasileiro.

De acordo com Sagawa (2002), houve uma primeira tentativa em 1932, capitaneada por Durval Marcondes, com a finalidade de trazer para o Brasil o psicanalista René Spitz, que atuaria como analista didata no país, no entanto a correspondência entre eles foi interrompida durante a Revolução Constitucionalista de 1932 fazendo com que essa iniciativa fosse abortada.

Uma segunda tentativa foi concluída com êxito em 1936, ocasião em que a médica alemã, de origem judia, habilitada psicanalista pelo Instituto de Psicanálise de Berlim, Adelheid Lucy Koch (1896-1980) aceitou o convite para instalar-se no Brasil. Tal iniciativa foi viabilizada pela coincidência de interesses: de um lado, Durval Marcondes e o grupo que começava a organizar-se sob sua liderança em busca de formação psicanalítica, por outro a Dra. Koch que desejava sair da Alemanha em busca de um refúgio seguro, seguindo a diáspora judaica provocada pela ameaça nazista que se disseminou pela Europa durante a II Guerra Mundial. Foi neste contexto que a Adelheid Koch, fugindo do conflito armado, decidiu instalar-se no Brasil. Comenta ela em entrevista à Revista IDE, em 1976:

O Brasil, nesta época, era um dos poucos países que dava visto de entrada. Então nos aconselharam a emigrar para o Brasil. E nós conseguimos, em pouco tempo, arranjar um visto para cá. Antes do Brasil, tínhamos pensado em ir para a Palestina - que, nessa época, ainda não era Israel. Eu tinha viajado para lá, tinha falado com o Dr. Max Eitingon, que era analista em Berlim, perguntando se poderia trabalhar lá, e ele me deu a permissão para trabalhar como médica analista na Palestina. Mas havia grandes conflitos entre árabes e israelitas, e então decidimos emigrar para o Brasil (Koch, 1976, p. 8).

A chegada de Adelheid Koch ao Brasil, em novembro de 1936, marcou uma nova etapa para o movimento psicanalítico que começava a surgir no Brasil, uma vez que este



acontecimento representava uma real possibilidade de formação de analistas em nosso país, que passariam a receber instruções teóricas e a realizar análise pessoal, condição básica para a formação de um analista segundo as recomendações da IPA. Este acontecimento traz para São Paulo o centro gravitacional da psicanálise latino americana, uma vez que a Dra. Koch tornava-se a primeira analista didata a conduzir a formação de futuros analistas no hemisfério sul do continente americano.

Assim, em 1937, após um curto período de aculturação e familiarização com o idioma português, esta psicanalista deu início a suas atividades como analista didata. Forma-se ao seu redor um primeiro grupo de analisandos que era composto pelos seguintes profissionais: Durval Marcondes, Flávio Dias, Darcy de Mendonça Uchoa e Virgínia Leone Bicudo.

A partir deste momento, as ações de Durval Marcondes com vistas à promoção da expansão da psicanálise em São Paulo tomarão duas direções autônomas, porém complementares, quais sejam: institucionalização do movimento psicanalítico, mediante a formação de psicanalistas no país, e promoção da difusão e da inserção da psicanálise em diferentes áreas do conhecimento, o que se evidenciou por uma ação efetiva no ensino da psicanálise na universidade e em iniciativas de aplicação desta na educação.

A primeira frente de ação, iniciada com a chegada de Adelheid Koch ao Brasil, resultou na criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, primeira Sociedade de Psicanálise fundada no Brasil com a finalidade de formar psicanalistas de acordo com indicações preconizadas pela IPA.

Este processo de institucionalização teve início em 1937, quando o primeiro grupo de aspirantes a psicanalista, já mencionado, iniciou sua análise com Adelheid Koch e culminou em 1944 com o reconhecimento do Grupo Psicanalítico de São Paulo como membro provisório da IPA.

Os acontecimentos para tal reconhecimento assim se sucederam. Ernest Jones, então presidente daquela Instituição, em carta encaminhada a Dra. Koch datada de três de dezembro de 1943, reconheceu o Grupo Psicanalítico de São Paulo. O que foi registrado no livro de atas da seguinte forma:

A carta do Dr. Jones, aqui referida, que se encontra devidamente arquivada, está explícita na seguinte forma: "Os dirigentes da Associação Internacional aceitam a recomendação e garantia da Sra. Dra. Adelheid Koch referente aos psicanalistas deste grupo" (Barcellos, 1976, p. 1).

A constituição oficial do que se denominou Grupo Psicanalítico de São Paulo ocorreu a cinco de junho de 1944, tendo sua função definida nos seguintes termos:

a) desenvolver a psicanálise, ramo científico fundado por Sigmund Freud, tanto no que se refere à teoria como as suas aplicações práticas à medicina e as ciências humanas; b) estabelecer e manter relações com os demais grupos e sociedades do mesmo gênero (Barcellos, 1976, p. 2).



Após este ato inicial, o Grupo Psicanalítico de São Paulo prossegue seu desenvolvimento em busca de credibilidade e reconhecimento, tanto interno, dentro do próprio grupo e em sua relação com a IPA; quanto externo, na conquista de espaço social e científico.

Internamente, o Grupo Psicanalítico de São Paulo vivenciou um período de crescimento com a adesão de novos membros que passaram a compor o seu quadro de participantes. Em 1949 foram admitidos como membros associados o Dr. Henrique Mendes e a Sra. Lygia Alcântara do Amaral. No que concerne a relação com a IPA, Durval Marcondes iniciou uma sondagem junto ao Dr. Ernest Jones com o intuito de verificar a possibilidade de que o “Grupo” por ele presidido fosse elevado à categoria de “Sociedade”. A resposta a indagação de Durval Marcondes foi enviada por Ernest Jones em carta datada de 24 de outubro de 1945, na qual ele promove, provisoriamente, o Grupo Psicanalítico de São Paulo a categoria de Sociedade componente da IPA, até que a decisão viesse a ser ratificada pelo próximo Congresso Internacional daquela Instituição, que ocorreu em Amsterdã, no ano de 1951. Temos assim a integração definitiva da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo aos quadros da IPA, como consequência das ações efetivas de Durval Marcondes.

Em outra direção, Durval Marcondes teve participação efetiva no ensino da psicanálise no meio universitário e na promoção de iniciativas voltadas a aplicação da psicanálise em ações de abrangência social, sobretudo no campo da educação.

No que concerne a participação no meio universitário no Estado de São Paulo, cumpre salientar uma forte dicotomia: se por um lado Durval Marcondes teve precedência no ensino da psicanálise em diversos cursos na área das ciências humanas, por outro, vivenciou forte ostracismo em relação a psiquiatria acadêmica.

Em outra direção, as dificuldades de Durval Marcondes em inserir a psicanálise nos cursos de medicina encontra explicação em uma relação ambígua e antagônica travada entre a psiquiatria acadêmica e psicanálise no Estado de São Paulo. Ainda que Franco da Rocha tenha tido grande influência na cátedra de clínica psiquiátrica e doenças nervosas na Faculdade de Medicina de São Paulo, cargo que ocupou de 1919 até a data de sua aposentadoria em 1923, divulgando a psicanálise e influenciando jovens médicos como Durval Marcondes, que reconheciam na psicanálise uma alternativa viável para o tratamento da doença mental, sua influência não foi ampla o bastante para sedimentar a psicanálise no ensino da psiquiatria em São Paulo.

Sucedeu-se após a aposentadoria de Franco da Rocha um concurso público para substituí-lo, no qual o candidato inscrito foi reprovado por insuficiência de conhecimento, assim, a cátedra de psiquiatria foi incorporada a de neurologia que era ocupada pelo médico Enroljas Vampre (Montagna, 1994). Quando em 1936 as duas cadeiras foram novamente desmembradas e um novo concurso foi aberto inscreveram-se dois candidatos, Antônio



Calos Pacheco e Silva, franco opositor da psicanálise que já atuava como professor substituto da referida cátedra na Faculdade de Medicina de São Paulo e Durval Marcondes, que se lançava como representante do movimento psicanalítico.

Como resultado deste embate entre a psicanálise e a psiquiatria acadêmica, prevaleceu o pensamento clássico vigente na psiquiatria em detrimento da psicanálise, entendida como uma inovação pouco consistente, o que resultou na aprovação de Antônio Carlos Pacheco e Silva. Segundo Sagawa (2002) apesar de derrotado no concurso Durval Marcondes foi homenageando com um banquete no qual esteve presente Reynaldo Porchat, reitor da Universidade de São Paulo na ocasião.

Quando assumiu o cargo de professor catedrático Antônio Carlos Pacheco e Silva, imbuindo de toda a autoridade e prestígio que a função lhe outorgava, passa a exercer forte influência sobre a psiquiatria em São Paulo posicionando-se em franca oposição ao movimento psicanalítico. Segundo Plínio Montagna (1994):

Com a vitória de Pacheco no concurso, a psicanálise não só perdeu a oportunidade de instalar-se na Faculdade de Medicina como passou a enfrentar forte antagonismo e uma atitude até hostil provinda da psiquiatria acadêmica. Por décadas foi segregada pelo *establishment*. Pois logo Pacheco e Silva, além da Faculdade de Medicina, tornou-se também professor da recém-fundada Escola Paulista de Medicina, tendo então a psiquiatria universitária paulistas em suas mãos (pp. 33-34).

Afastada da Faculdade de Medicina de São Paulo, a psicanálise, por intermédio de Durval Marcondes, seu principal articulador em São Paulo, encontrou espaço para se desenvolver no meio acadêmico, em áreas ligadas as chamadas ciências humanas. Desta forma, Durval Marcondes introduz em 1934 no Instituto de Higiene de São Paulo o ensino da psicanálise, em 1939 organizou a disciplina Psicanálise e Higiene Mental na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, anos mais tarde, em 1954, foi convidado por Annita de Castilho e Marcondes Cabral⁷ para organizar o curso de especialização em psicologia clínica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Raciocínio análogo nos é apresentado por Carmen Lúcia Valladares de Oliveira em seu livro *História da Psicanálise em São Paulo: 1920-1969*.

No que diz respeito ao ensino da psicanálise na Universidade, apesar de Marcondes não ter conseguido introduzi-la na formação médica, como pudemos apontar anteriormente, ele não foi negligenciado pelas ciências humanas e em particular pela filosofia, psicologia e sociologia. Paralelamente a sua penetração nas instituições asilares e psiquiátricas, o

⁷ Annita de Castilho e Marcondes Cabral (1911-1991) foi professora catedrática da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tendo tido importante participação na criação do curso de psicologia, em 1958, na referida universidade.



ensino universitário constituiu-se como uma importante via de expansão (Oliveira, 2006, p. 163).

Se por um lado a oposição entre psicanálise e psiquiatria em São Paulo trouxe limitações quanto ao ensino desta disciplina no meio médico, por outro fez com que os esforços de Durval Marcondes fossem canalizados em outra direção, não menos relevante, abrindo a senda das ciências humanas e garantiram ao movimento psicanalítico em São Paulo a possibilidade de trilhar um caminho independente da medicina. É neste contexto, de uma psicanálise autônoma e identificada com a problemática social de sua época, que surgiu a possibilidade do ingresso de profissionais não médicos para formação analítica.

Com relação as iniciativas dedicadas a difusão e aplicação da psicanálise no meio educacional de São Paulo, Durval Marcondes idealizou, fundou e dirigiu a Clínica de orientação Infantil da Seção de Higiene Mental escolar criada em 28 de dezembro de 1938 por força do decreto estadual 9.872. O surgimento desta prática institucional, para além de uma mera aplicação da psicanálise representou um catalisador para as iniciativas de Durval Marcondes voltadas à expansão das fronteiras psicanalíticas. Sustentada em valores científicos e culturais vigentes à época, esta iniciativa precipitou uma série de desdobramentos como o exercício da psicanálise por profissionais não médicos, a criação da profissão de psicólogo e a inserção da psicanálise na esfera da prevenção em saúde Mental. Durval Marcondes permaneceu na direção da Seção de Higiene Mental Escolar até sua aposentadoria no serviço público que ocorreu em 1954.

Em uma publicação datada de 1970, que recebeu o título “Posição da psicanálise na psicologia e na ciência em geral”, Durval Marcondes afirma que “A psicanálise é a dialética do externo e do interno” (Marcondes, 1970, p. 144). Esta afirmação, para além de suas implicações epistemológicas, cuja discussão ultrapassa o escopo deste trabalho, retrata a natureza das ações de Durval Marcondes junto a psicanálise brasileira de forma emblemática: ao mesmo tempo em que se dedicou à compreensão da subjetividade humana e ao tratamento da doença mental por intermédio da prática clínica, esteve fortemente identificado com as demandas sociais de seu tempo, propondo ações abrangentes que fizeram da psicanálise um instrumento teórico e técnico eficaz nas práticas preventivas e de resolução de conflitos na esfera social.

Durval Marcondes faleceu no ano de 1981 na cidade de São Paulo deixando um legado político que contribuiu de forma efetiva para sedimentação da psicanálise na vida cultural e científica do país.

A Seção de Higiene Mental Escolar: aproximações entre higiene mental e psicanálise

Antes de destacar a participação de Durval Marcondes como idealizador e articulador da Seção de Higiene Mental Escolar e da Clínica de Orientação Infantil a ela associada,



cumprir demonstrar inicialmente os fundamentos teóricos e filosóficos que sustentavam a prática de assistência à saúde mental da criança desenvolvidas no âmbito desta instituição.

Entre os fundamentos teóricos e filosóficos que sustentavam as práticas de atenção e assistência oferecidas ao escolar deficitário atendidos pela Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, figuravam ideias que ganharam destaque e credibilidade no meio científico do país nas primeiras décadas do século XX, notadamente: a filosofia higienista, as transformações educacionais denominadas como “Escola Nova” e a teoria psicanalítica.

A introdução do pensamento higienista junto a medicina no Brasil data das primeiras décadas do século XX, período em que estas ideias tiveram grande expressão e proeminência, ganhando credibilidade e exercendo forte influência e diferentes práticas. Neste sentido, o higienismo exerceu influência nas políticas de saúde pública que tinham por finalidade proporcionar condições básicas de saúde e saneamento básico em escala preventiva, com o objetivo de promover o desenvolvimento de indivíduos saudáveis e aptos para o convívio social. Ainda que as práticas higienistas empregadas na ocasião trouxessem uma forte conotação eugênica, exerceram grande influência sobre as políticas de saúde e educação adotadas pelo governo federal e estadual, seus desdobramentos possibilitaram diferentes formas de entendimento e práticas variadas, que por vezes se afastavam das ideias eugênicas iniciais, às quais eram defendidas por Pacheco e Silva, criando formas inovadoras de trabalho. Na tentativa de criar estratégias para intervir nesta realidade social foram criadas instituições, como o Instituto de Higiene de São Paulo, organizados cursos, entre os quais o de educadora sanitária e o mais célebre exemplo, e promovidas formas de ampla divulgação do referencial teórico que sustentava as propostas higienistas. Corroborando este raciocínio, Heloisa Helena Pimenta Rocha, ao discutir a proposta do curso de educadora sanitária do Instituto de Higiene de São Paulo, entre os anos de 1918 a 1925, indica que a articulação entre a saúde e a educação sustentaram as práticas higienistas de São Paulo. Para esta autora, “(...) vai se constituindo, na formulação dos problemas nacionais, a articulação entre educação e saúde, como possibilidade de regeneração da população brasileira” (Rocha, 2003, p. 232).

De forma mais específica, a psiquiatria brasileira assumiu, ao longo deste período, uma forte conotação profilática, influenciando suas práticas no campo da saúde mental. De acordo com Jurandir Freire Costa em sua História da psiquiatria no Brasil,

Sobretudo a partir de 1926, os psiquiatras começaram a enunciar suas novas concepções de prevenção. Eles pretendiam tornar a prevenção psiquiátrica similar a prevenção em medicina orgânica. A ação terapêutica deveria exercer-se no período pré-patogênico, antes do aparecimento dos sinais clínicos. Esta concepção leva-os a dedicar um maior interesse a prevenção da saúde mental. Daquele momento em diante, o alvo de cuidado dos



psiquiatras passou a ser o indivíduo normal e não o doente. O que interessava era a prevenção e não a cura (Costa, 1976, p. 33).

Desta forma, ao apropriar-se da teoria psicanalítica que começava a ser difundida no país neste período, a psiquiatria brasileira não renunciou ao seu modelo profilático em favor de uma prática voltada ao tratamento da doença mental, ao contrário encontrou na psicanálise um modelo teórico capaz de subsidiar suas práticas voltadas à prevenção da doença mental.

Nesta mesma ocasião, um novo modelo filosófico era introduzido no meio educacional brasileiro, influenciando suas práticas e colocando em xeque as políticas educacionais e as práticas pedagógicas adotadas até então. Desta forma, a “Escola Nova”, surgida em oposição ao ensino tradicional, difunde-se no meio educacional brasileiro trazendo uma nova visão relativa à infância, a partir da qual a criança era entendida como um ser em desenvolvimento, diferenciada do adulto e com uma lógica de pensamento própria, de tal modo que a compreensão das singularidades que caracterizam o desenvolvimento infantil possibilitaria a adoção de propostas pedagógicas mais adequadas as suas necessidades, favorecendo com isto o processo de aprendizagem. Sustentada no pensamento filosófico de John Dewey (1858-1952), a “Escola Nova”, teve entre seus articuladores no Brasil os nomes de Anísio Teixeira⁸ (1900-1971) que foi aluno de Dewey nos Estados Unidos, e Lourenço Filho⁹ (1897-1970).

Embora os fundamentos teóricos da “Escola Nova”, tal qual propostos por Dewey, não contemplem uma integração com a psicanálise, é lícito sustentar a hipótese de que as concepções filosóficas acerca da criança e das práticas pedagógicas possibilitaram a inserção da psicologia, de forma geral e da psicanálise em particular, no meio educacional brasileiro. Dois fatores justificam essa hipótese: a concepção relativa a criança como um ser diferenciado do adulto com características de desenvolvimento e aprendizagem próprias demandava estudos sobre a singularidade da infância, área em que a psicologia e a psicanálise começavam a teorizar nas primeiras décadas, e a forma como a psicanálise foi introduzida no Brasil menos como instrumental terapêutico e mais como sistema teórico conceitual favoreceu a sua difusão prioritária no meio educacional.

As aproximações entre escola nova e psicanálise no contexto brasileiro foram ternamente destacadas por Arthur Ramos no livro *Educação e psychanalyse* de 1934. No primeiro capítulo desta obra intitulado *A escola nova e a psychanalyse*, o autor comenta:

⁸ Entre os teóricos nacionais que empunharam a bandeira da Escola Nova, figura com grande destaque o nome de Anísio Teixeira, que após estudar com o filósofo John Dewey (1858-1952) nos Estados Unidos, trouxe para o Brasil suas ideias sobre esta nova filosofia educacional, implantando-as no ensino municipal do Rio de Janeiro na década de trinta, o que ficou conhecido como “Reforma Anísio Teixeira”.

⁹ Manoel Bergsröm Lourenço Filho concluiu o curso normal secundário pela Escola Normal de São Paulo em 1917 e em 1929 obteve o grau de bacharel em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Desde o início de sua vida profissional dedicou-se a educação, em 1922 assumiu o cargo de Diretor da Instrução Pública em Fortaleza, no ano de 1927 participou da fundação da Sociedade Brasileira de Psychanalyse e, em 1930, assumiu a Diretoria Geral de Ensino do Estado de São Paulo. Publicou vários artigos nos quais divulgou as ideias da “Escola Nova”.



As correntes actuais da pedagogia, que surgem com as denominações de escola nova escola unica, escola activa, escola progressista... teem um ponto commumque é o respeito á personalidade da creança A antiga pedagogia preparava com antecedência um programa completo, de moldes rígidos, e tratava de applicalá-lo de maneira global, eschematica, á creança, como se esta fosse uma entidade *standard*, impessoal, sem reações de adaptação, desenvolvendo-se dentro dos cânones de uma lógica racional. Os estudos da *psychologia affectiva* vieram destruir este prejudgado (Ramos, 1934, p. 9).

Ainda no mesmo capítulo, ao destacar a participação da psicanálise neste contexto Arthur Ramos (1934) afirma.

A grande ajuda da *psychanalyse* a pedagogia está na investigação da vida *psychica* profunda, do inconsciente. Ella esclarece os moveis recônditos de todas essas situações inconscientes difficeis, que vêm sendo o desespero de todas as *psychologias* e onde os *tests* fracassam redondamente. O que muitas vezes se julga um atraso mental, um apoucamento da inteligência revelou-se como sendo inibições escolares, em consequência de conflictos (p. 16).

A psicanálise, por sua vez, encontrou a partir da década de 1920, entre as intensas transformações culturais e sociais ocorridas no país um espaço bastante fecundo para se desenvolver, influenciando diferentes áreas do domínio científico e da esfera cultural. Como constata Reinaldo Lobo no artigo “As mudanças históricas e a chegada da psicanálise ao Brasil”.

O final da primeira Guerra trouxe, portanto, um quadro histórico absolutamente diferente em vários níveis de atividade social e humana: a industrialização se acelerou, ainda que não em graus e em qualidade tecnológica só conhecidos após a Segunda Guerra Mundial; a legitimidade do sistema político, dominado pelos Partidos Republicanos (PRs) dos latifundiários cafeeiros e criadores, foi questionada; uma profunda alteração cultural e ideológica ocorreu entre as elites intelectuais. Um paradoxo do período foi a combinação de racionalismo crescente e voraz importação de novos modelos e novas idéias, vindas sobretudo da Europa. Os mais esclarecidos queriam saber de tudo o que se passava lá fora, “não para copiar”, mas para “entender a realidade nacional”. O advento da psicanálise foi um dos efeitos secundários desta mutação nacional: a modernização burguesa propiciou o aparecimento de projetos iluministas, como a criação da USP, no início dos anos 30, e mesmo a chegada “das coisas freudianas”, como disse Mário de Andrade (Lobo, 1994, p. 50).

Uma das características que marca os primeiros momentos da inserção da psicanálise no Brasil, deriva do fato destas ideias terem sido compreendidas e empregadas de forma ampla, não apenas como um instrumento terapêutico, mas também como um sistema teórico passível de ser aplicado em diferentes áreas do conhecimento, como a educação, o direito, a literatura, entre outras. Caracterizando assim, de forma singular, os primeiros momentos de apropriação da psicanálise pelos profissionais brasileiros.



É a partir desta senda que a articulação entre educação e psicanálise foi amplamente legitimada no Brasil neste período.

Em consonância com as ideias escolanovistas a psicanálise foi entendida no meio educacional como um modelo teórico capaz alargar o entendimento sobre as regras que regem o desenvolvimento infantil e os processos de aprendizagem da criança, contribuindo para auxiliar na compreensão das dificuldades apresentadas pelo escolar. Esta nova concepção de relação entre a criança e a educação escolar, possibilita o surgimento de uma distinção ainda desconhecida na educação brasileira entre criança com problemas emocionais e portadoras de deficiência mental, que na pedagogia tradicional era tratadas e forma indiferenciada como criança anormal. Distinção esta introduzida pela primeira vez em 1939 no livro *A criança problema* de autoria de Arthur Ramos. Afirma ele,

A nossa experiência no exame dos escolares “díficeis” mostrou que havia necessidade de inverter os dados clássicos da criança chamada “anormal”. Esta denominação - imprópria em todos os sentidos - englobava o grosso das crianças que por várias razões não podiam desempenhar os seus deveres de escolaridade, em paralelo com os outros companheiros, os “normais”. (...) A grande maioria porém podemos dizer os 90% das crianças tidas como “anormais”, verificamos na realidade serem crianças difíceis, “problemas”, vítimas de uma série de circunstâncias adversas (Ramos, 1939, p. 13).

Tomados como paradigmas, estes modelos teóricos vieram a garantir a sustentação conceitual que subsidiou e orientou o trabalho prático realizado tanto na Clínica de Orientação Infantil surgida em São Paulo, quanto sua congênere fundada no Rio de Janeiro em 1933. Assim, ambas as instituições foram constituídas mediante a conjugação dos pressupostos filosóficos enunciados acima, de modo a forjar uma compreensão acerca da criança e de suas dificuldades bastante singular e inovadora para a época. Desta forma, emerge uma concepção de criança que se constitui enquanto indivíduo mediante a interação de suas necessidades individuais com as contingências do meio social em que vive. Em decorrência deste entendimento se pressupunha que a intervenção imediata junto a criança, com o intuito de remover as dificuldades manifestadas, teria forte efeito profilático.

Sustentado nestes princípios, que direta ou indiretamente modularam as ações de Durval Marcondes na estruturação da Clínica de Orientação infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, foram estabelecidos pelo autor os seguintes objetivos no que concerne a abrangência do trabalho realizado:

1) estudar e tratar pacientes; 2) interessar outras agências da comunidade na prevenção das desordens de conduta e da personalidade da criança e oferecer métodos de tratá-las quando elas aparecem; 3) revelar à comunidade, através do estudo direto de casos individuais, as necessidades não reconhecidas que certas crianças podem ter (Marcondes, 1946, p. 43).

Estes objetivos permitem definir qual a atuação exercida sobre a criança, que segundo este autor fica circunscrita a dois campos de ação: “1) diretamente por meio de tratamento



médicos e psicoterápico; 2) indiretamente modificando o ambiente imediato (lar, escola, etc.)” (Marcondes, 1946a, p. 151).

Assim, é possível inferir que as ações da referida instituição estão circunscritas em duas esferas complementares, a saber: prevenção e tratamento. Logo na sequência do texto Marcondes propõe uma conceituação de prevenção que possibilita, com bastante justeza, avaliar não somente sua concepção quanto a profilaxia na infância, mas compreender também como este autor articula de forma interdependente a prevenção e o tratamento.

Este gênero de clínica constitui a unidade básica do combate na higiene mental, de acordo com o conceito moderno de que a infância é o “momento estratégico” na luta contra as psicopatias. A moléstia mental do adulto é, o mais das vezes, o produto final de um processo de adaptação que, sob formas diversas, já se vinha manifestando desde a época infantil. A clínica em apreço vai surpreender e tratar esse processo em seu início, quando são maiores as probabilidades de sua solução (Marcondes, 1946, pp. 43-44).

Fica explícito nesta citação alguns elementos fundamentais que subjazem enquanto pressupostos teórico-filosóficos. A compreensão de que a infância é o momento estratégico para o desenvolvimento humano, sobretudo no que se refere a saúde mental, é uma concepção fortemente alicerçada na teoria psicanalítica, que a pouco havia destacado a participação das reminiscências infantis reprimidas no inconsciente na origem causal das neuroses na vida adulta.

Sustentada nesta concepção surgiram, a partir da década de 1920, propostas de profilaxia das neuroses por intermédio da articulação entre educação e psicanálise, de tal forma que com menos repressão e maior atenção aos anos da infância poderia se evitar o surgimento da doença mental no adulto. Proposta esta que se mostrou bastante ineficaz ao longo dos anos (Kupfer, 1989).

No entanto, o caráter mais inovador presente no trabalho coordenado por Durval Marcondes reside no fato de que este autor além de ações genéricas no campo da prevenção em saúde mental que visavam sensibilizar a população para os benefícios de uma educação infantil guiada pela psicanálise, adotou uma concepção de profilaxia mais específica em função das necessidades de cada criança, ao abordar as manifestações sintomáticas do escolar deficitário.

Para colocar em execução estes objetivos, foi constituída uma equipe de trabalho composta por “(...) quatro tipos de profissionais: o médico psiquiatra, o médico internista a psicologista e a visitadora psiquiátrica” (Marcondes, 1941, p. 5). Indicando assim a múltipla abordagem na avaliação diagnóstica da criança¹⁰.

Ao médico internista foi atribuída a função de proceder o exame físico da criança, identificando possíveis causas orgânicas, fossem elas hereditárias congênicas ou adquiridas,

¹⁰ A equipe técnica coordenada por Durval Marcondes era constituída pelos seguintes profissionais: Armando de Arruda Sampaio, Clarisse Fleury, Diná Mascarenhas do Amaral, Joy Arruda, Lygia Alcântara do Amaral, Margarida Vieira Lisboa Cunha, Maria José de Moraes Barros, Maria de Lourdes Verderese, Maria Rita Garces Lôbo, Mário Vélez, Oraide de Toledo Piza e Virgínia Leone Bicudo.



responsáveis pelo fraco rendimento escolar. É interessante salientarmos, aqui, a afirmação do médico internista Armando de Arruda Sampaio. Segundo ele: "(...) estatisticamente, os fatores de ordem física - as moléstias em geral - são os que concorrem em menor escala na determinação dos problemas de conduta ou para a sua agravação" (Sampaio, 1946, p. 49). Na sequência, destaca a importância dos fatores sociais e psíquicos na causação dos problemas de conduta. Conclusão esta já apontada, em 1941, por Durval Marcondes, que ao investigar as causas da repetência na escola primária paulistana constata que entre 12 itens de condições físicas desfavoráveis, apenas um, debilidade física, apresentou resultado estatisticamente significativo, indicando ser este um fator que concorre para a repetência dos escolares matriculados na escola primária. Conclui-se, portanto, que embora de vital importância para a criança, as condições físicas possuem um peso secundário na ordem dos fatores que condicionam os distúrbios de escolaridade.

Ao médico psiquiatra recaia a incumbência de avaliar o estado mental da criança problema, fazendo a classificação nosológica quando necessário. Cabe, ainda, a este profissional realizar o tratamento médico e psicoterápico naqueles casos que se evidencie um distúrbio psiquiátrico. Na execução desta tarefa lança mão de diversos recursos, como entrevista com a criança e observação em sala de brinquedos e no recreio. O valor da psicanálise para estes fins é precisado da seguinte forma: "A psicanálise é ótimo método diagnóstico e melhor ainda meio terapêutico; apenas requer tempo dilatado e muito mais frequentes entrevistas do que geralmente são possíveis na clínica de orientação infantil" (Vélez, 1946, p. 98).

Na tentativa de compreender os problemas de conduta e de personalidade do escolar, a psicologista¹¹ atua fornecendo dados sobre a condição intelectual e características de personalidade da criança-problema. Para tal, emprega testes de inteligência e testes de personalidade, cujos resultados permitem definir o diagnóstico psicológico da criança. Desta forma, é possível discriminar a criança problema daquela que apresenta uma deficiência mental como causa de suas dificuldades escolares.

Por fim, a visitadora psiquiátrica caracteriza-se como a parte móvel da clínica de orientação infantil, indo até aos locais onde a criança está inserida: família e escola. Estas visitas possuem um duplo objetivo: visam colher informações sobre a história de vida da criança, para compor a equação que explique as causas dos problemas vivenciados por ela e, em uma etapa posterior, proporcionar aos pais e professores as orientações convenientes em cada caso particular. A necessidade, e mesmo a importância, de uma intervenção desta natureza, encontra respaldo na suposição de que o meio social exerce papel estruturante em relação a personalidade da criança, de tal forma, que ao se promover alterações nas atitudes errôneas do ambiente, pode-se minimizar os conflitos vividos pela criança. Os fundamentos teóricos desta prática são assim definidas por Virgínia Bicudo (1946):

¹¹ Quando da inexistência da regulamentação de psicólogo no Brasil, os profissionais que exerciam funções correspondentes no Estado de São Paulo foram denominados de psicologista e visitadora psiquiátrica. As psicologistas e visitadoras psiquiátricas eram recrutadas junto a professoras primárias e educadoras sanitárias.



A psicanálise, por sua vez, demonstra que a personalidade resulta de um compromisso entre as necessidades biológicas e psíquicas do indivíduo e as exigências sociais. Se por um lado a sociedade impõe padrões de conduta aos indivíduos, apresentando-lhes maneiras “certas” de agir, pensar e sentir e lhes determina uma posição e um papel dentro do grupo social, por outro lado os indivíduos possuem necessidades vitais a serem satisfeitas. Nos distúrbios destes processos de ajustamento entre o indivíduo e a sociedade encontram-se as condições etiológicas dos problemas de conduta (p. 80).

Uma vez matriculada na Clínica de Orientação Infantil, a criança era submetida a avaliação por estes profissionais, respeitando-se critérios técnicos e administrativos na realização do atendimento. Inicialmente, a visitadora psiquiátrica ia até o lar e a escola para colher informações sobre a criança, e só então esta era trazida à clínica para a avaliação com os demais profissionais. Feito isto, era traçado um plano de intervenção que compreendia mudanças no ambiente escolar e familiar da criança, etapa esta acompanhada pelas visitadoras psiquiátricas.

Entre as crianças encaminhadas para tratamento na clínica de orientação infantil, que nos dois primeiros anos de funcionamento atingiu um total de 71 casos, figuravam problemas de diversas ordens. Entre os problemas apresentados pelas crianças, com maior frequência, encontramos: conduta perturbadora na escola, falta de aprendizagem escolar, furtos, instabilidade, fobias, timidez e outros de menor expressão. Concluído o tratamento destas 71 crianças, a avaliação dos resultados obtidos nestes casos aponta sucesso em 39,43% dos atendimentos realizados, caracterizado pela remissão dos sintomas e por um melhor ajustamento da criança à escola, em 45,7% dos casos, o sucesso foi parcial e em, apenas, 15,49% registrou-se insucesso (Arruda & Marcondes, 1941).

A natureza do trabalho desenvolvido no âmbito deste serviço de assistência à criança trazia em seu bojo algumas questões que começavam a ganhar maior destaque nas décadas de 1930 e 1940, como a consolidação da psicanálise enquanto sistema teórico e prática terapêutica e os debates concernentes a criação da profissão de psicólogo.

A influência da psicanálise fica evidente quando observamos a polarização que existiu entre as psicologistas e as visitadoras psiquiátricas, definindo duas tendências distintas de trabalho. As psicologistas, voltadas ao emprego de técnicas específicas como os testes psicológicos, circunscreveram sua atuação na área da psicometria. Por outro lado, as visitadoras psiquiátricas fundamentaram sua prática em uma visão psicodinâmica da criança, aderindo a teoria psicanalítica, definiram-se como psicoterapeutas. Um exemplo desta afinidade com a psicanálise fica evidente no artigo “A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança”, de autoria de Virgínia Bicudo, cuja publicação data de 1941, na Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo. Segundo ela, a visitadora psiquiátrica deveria possuir certas características de personalidade que favoreceriam sua relação com a criança e a família, salientando a importância de uma

(...) atitude objetiva da visitadora, destituída de reações parciais ou pessoais, a segurança em si mesma, inspira confiança e os pacientes se tornam capazes de depoimentos confidenciais. “Transferência” é o termo Psicanalítico



descrito como a reação emocional por parte do paciente, na qual este reage em função da organização de sua personalidade. A visitadora deve ser capaz de utilizar-se da transferência positiva como meio de tratamento para a aceitação de sua orientação, como de usar a transferência como instrumento de estudo das personalidades em questão (Bicudo, 1941, p. 294).

A influência da psicanálise junto a Seção de Higiene Mental não se resumia unicamente em fundamentar o tratamento das crianças problemas atendidas pela Clínica de Orientação Infantil. Seu valor foi reconhecido também como um importante instrumento de prevenção na área da saúde mental, através de divulgações de informações ao público leigo, particularmente pais e professores, sobre a educação das crianças. Este fato é apontado por Sagawa (1994) da seguinte forma:

A implantação institucional da psicanálise foi, neste período, acompanhada de um processo de divulgação psicanalítica, sobretudo pela imprensa escrita. Não se trata apenas de tornar acessível aos leigos o que é a psicanálise (Sagawa, 1980), mas de conquistar e manter credibilidade social e científica entre os leigos, em contraposição à campanha contrária e até denegridora, feita por importantes figuras do meio médico em São Paulo. Embora tal contraposição tenha vindo à tona somente em ambiente exclusivo de especialistas (Sagawa, 1989), é possível constatar que, da perspectiva da psicanálise, a divulgação psicanalítica foi uma importante área de posicionamento científico e concomitante busca de espaço institucional-social, próprio e autônomo (p. 21)

Para a efetiva execução desta proposta de divulgação de princípios da psicanálise, contava o movimento psicanalítico em São Paulo, com dois importantes veículos de comunicação de massa: a Rádio Excelsior e o Jornal Folha da Manhã. De propriedade de José Nabantino Ramos¹², grande entusiasta da psicanálise, estes meios de comunicação serviram ao propósito de divulgação das ideias psicanalíticas, garantindo com isto a inserção desta linha de pensamento no seguimento social brasileiro, sobretudo na década de 1950.

Em outra direção as iniciativas de Durval Marcondes introduziram, do ponto de vista prático no serviço público do Estado de São Paulo, um conjunto de atividades e ações profissionais que estavam circunscritas no âmbito de ação do psicólogo, em uma ocasião em que esta profissão ainda não estava regulamentada no país. Nas palavras de Durval Marcondes:

Ao organizar, em 1938, a Seção de Higiene Mental Escolar, criei, pela primeira vez no Brasil a profissão de psicólogo, que naquela época e por minha iniciativa, foi oficialmente introduzida no quadro de funcionários

¹² José Nabantino Ramos foi professor de direito financeiro da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Em 10 de março de 1945 assumiu o controle acionário da Empresa Folha da Manhã. Em uma iniciativa editorial inédita reuniu em 1º de janeiro de 1960 os jornais Folha da Manhã, Folha da Tarde e Folha da Noite em uma única publicação denominada Folha de São Paulo. Após enfrentar dificuldades financeiras a Empresa Folha da Manhã foi vendida para Otávio Frias em 1962.



públicos do Estado de São Paulo (Marcondes citado por Bicudo, 1982, p. 102).

Além do pioneirismo e da inovação de suas ações, Durval Marcondes teve o mérito de fomentar o debate concernente a regulamentação da profissão de psicólogo, o que veio a ocorrer em 1962 com a aprovação da lei 4.119, possibilitando a todos que atuavam em atividades correlatas a psicologia obterem o registro profissional.

Considerações Finais

O período aqui descrito, que corresponde de forma mais específica as décadas de 1930 e 1940, caracteriza-se como um momento de maior originalidade e participação efetiva de Durval Marcondes na idealização e implantação de práticas voltadas para a assistência à saúde mental da criança inspiradas na psicanálise. No entanto, essas iniciativas, representadas sobretudo pelo trabalho desenvolvido no âmbito da Seção de Higiene Mental Escolar do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, tiveram origens em momentos e práticas que a antecederam, como a divulgação da teoria psicanalítica no meio educacional na década de 1920 (Abrão, 2001), e repercutam em outros trabalhos em etapas posteriores, contribuindo para o surgimento da psicanálise de criança, da psicopedagogia e de outras práticas psicoterápicas voltadas à infância.

A prática desenvolvida na esfera da Clínica de Orientação Infantil que prestavam assistência ao escolar deficitário caracteriza-se, predominantemente, pela aplicação dos conhecimentos relativos a psicanálise de criança à higiene mental escolar. Este serviço de higiene mental entendia que a “criança problema”¹³, ao contrário da deficiente, tinha suas dificuldades forjadas na relação entre suas necessidades individuais e o meio social em que estava inserida. É no bojo desta concepção que encontramos espaço fecundo para o surgimento da psicanálise de crianças associada à higiene mental no meio educacional, prática esta que, em anos subsequentes, serviu de esteio para o surgimento da análise de crianças propriamente dita.

A etapa ora descrita marca um período de transição na história da psicanálise de crianças no Brasil, localizada entre uma fase, na qual a psicanálise de crianças encontrava espaço social e científico apenas na retórica, com a divulgação de informações sobre educação infantil, e as práticas psicoterápicas propriamente ditas.

A natureza do atendimento oferecido às “crianças problemas” pelas clínicas de orientação infantil, apesar de migrar do campo da retórica para a prática, ainda não atribuía à psicanálise de crianças o estatuto de um sistema terapêutico aplicado ao tratamento dos distúrbios emocionais da infância, à semelhança da análise de adultos, uma vez que sua intervenção tinha uma finalidade de caráter profilático e apenas secundariamente assumia funções terapêuticas.

¹³ Expressão empregada na ocasião para designar o aluno com dificuldades escolares.



Devemos ressaltar, no entanto, a conotação em que o termo profilático é empregado neste contexto histórico. Não se trata unicamente de atribuir aos pais e professores a função precípua de agentes preventivos de futuras manifestações de doença mental, por intermédio de uma educação infantil guiada por princípios psicanalíticos, embora este efeito pudesse advir de forma secundária. O foco principal para o qual foram direcionados os esforços dos profissionais que atuavam nas clínicas de orientação infantil, era o de promover a prevenção da doença mental, através da compreensão e da assistência as manifestações sintomáticas da criança em idade escolar, que se efetivava por intermédio de avaliações diagnósticas e modificações ambientais na rotina escolar e familiar da criança. A postura aqui adotada é inovadora, na medida em que, ao invés de procurar fatores isolados responsáveis pelo fracasso escolar, procura compreender esta dificuldade na intersecção de diferentes fatores, conferindo assim maior abrangência social ao trabalho realizado no âmbito dessas instituições

Desta forma, constatamos que a conotação profilática atribuída a higiene mental escolar, a partir da ótica de Durval Marcondes e sua equipe, não trazia em sua proposta de trabalho o signo da eugenia, que foi uma marca constante dos primeiros textos de divulgação da psicanálise de crianças no Brasil, nos quais o redirecionamento da educação das crianças, com base na psicanálise, era apontado como condição essencial para a saúde mental do indivíduo. A partir desta iniciativa, concretizada nas clínicas de orientação infantil, a prevenção em saúde mental começou a ser praticada dentro da seara da clínica, tendo na psicanálise seu principal pilar de sustentação.

Referências

- Abrão, J. L. F. (2001). *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta.
- Abrão, J. L. F. (2008). A introdução das idéias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos. *Memorandum*, 14, 37-51. Recuperado em 7 de outubro, 2010, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a14/abrao01.pdf>
- Arruda, J. & Marcondes, D. (1941). Avaliação dos resultados obtidos na clínica de orientação infantil de São Paulo. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 7(6), 257-262.
- Barcellos, R. (1976). *Algumas anotações biográficas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*. São Paulo: [Mimeo].
- Bicudo, V. L. (1941). A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 7(6), 293-298.
- Bicudo, V. L. (1946). Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil e noções de higiene mental da criança. Em D. B. Marcondes (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança* (pp. 79-89). São Paulo: Livraria Martins.



- Bicudo, V. L. (1982). Durval Bellegarde Marcondes: precursor da psicanálise na América Latina. *Alter*, 12(3), 101-105.
- Campos, R. H. F. (Org.). (2001). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Campos, R. H. F. (1998). Introdução à historiografia da psicologia. Em J. Brosek & M. Massimi (Org.s). *A historiografia da psicologia moderna: versão brasileira* (pp. 15-19). São Paulo: Loyola.
- Costa, J. F. (1976). *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus.
- Cunha, M. V. (1998). *O discurso educacional renovador no Brasil (1930-1960): um estudo sobre as relações entre escola e família*. Tese (Livre Docência). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, SP.
- Galvão, L. (1967). Notas para a história da psicanálise em São Paulo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1(1), 46-66.
- Koch, A. (1976). Adelheid Koch: uma história que se confunde com a vida de uma instituição. *Revista IDE*, 2(3), 7-12.
- Kupfer, M. C. M. (1989). *Freud e a educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Scipione.
- Lobo, R. (1994). As mudanças históricas e a chegada da psicanálise no Brasil. Em L. Nosek (Org.). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 49-55). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Marcondes, D. B. (1941a). A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 7(6), 252-258.
- Marcondes, D. B. (1941b). Contribuição para o problema do estudo dos repetentes da escola primária: condições físicas, psíquicas e sociais. *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, 7(6), 263-271.
- Marcondes, D. B. (1946). Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização. Em D. B. Marcondes (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança* (pp. 43-48). São Paulo: Livraria Martins.
- Marcondes, D. B. (1970). Posição da psicanálise na psicologia e na ciência em geral. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 4(1), 141-149.
- Montagna, P. (1994). Psicanálise e psiquiatria, São Paulo. Em L. Nosek (Org.). *Álbum de família: imagens, fontes e ideias da psicanálise em São Paulo* (pp. 29-38). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Oliveira, C. L. M. V. (2006). *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta.



- Ramos, A. (1939). *A criança problema*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil.
- Ramos, A. (1934). *Educação e psychanalyse*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Rocha, G. S. (1989). *Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Rocha, H. H. P. (2003). *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Sagawa, R. Y. (2002). *Durval Marcondes*. Rio de Janeiro: Imago.
- Sagawa, R. Y. (1994). A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Em L. Nosek (Org.). *Álbum de Família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo* (pp. 15-28). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sampaio, A. (1946). Função do médico internista na clínica de orientação infantil: bases físicas da saúde mental. Em D. B. Marcondes (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança* (pp. 49-65). São Paulo: Livraria Martins.
- Vélez, M. (1946). Função do médico psiquiatra na clínica de orientação infantil. Valor e técnica da entrevista psiquiátrica. Aspectos mentais da criança-problema. Em D. B. Marcondes (Org.). *Noções gerais de higiene mental da criança* (pp. 91-100). São Paulo: Livraria Martins.

Nota sobre o autor

Jorge Luís Ferreira Abrão é professor da Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista. E-mail: abrao@assis.unesp.br ou jlfabrao@gmail.com

Data de recebimento: 30/04/2013

Data de aceite: 28/02/2014